



A Santa Sé

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Cemitério Verano - Roma

Sábado, 1º de Novembro de 2014

[Multimídia]

Quando, na primeira Leitura, ouvimos esta voz do Anjo que clamou em voz alta aos quatro Anjos, aos quais tinha sido concedido devastar a terra e o mar, destruindo tudo: «Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores» (Ap7, 3); veio-me ao pensamento uma frase que não está aqui, mas no coração de todos nós: «Os homens são mais capazes de o fazer do que vós». Nós somos capazes de devastar a terra melhor do que os Anjos. E é o que continuamos a fazer, é isto que levamos a cabo: devastar a Criação, destruir a vida, aniquilar as culturas, devastar os valores e destruir a esperança. Quanta necessidade temos da força do Senhor, para que nos sele com o seu amor e com a sua força, para impedir esta desvairada corrida de destruição! Devastação daquilo que Ele nos concedeu, das coisas mais bonitas que Ele criou para nós, para que cuidássemos delas e as fizéssemos crescer, para dar fruto. Quando, na sacristia, eu olhava para as fotografias de há 71 anos (bombardeamento «del Verano», 19 de Julho de 1943), pensei: «Isto foi muito grave, deveras doloroso. Mas isto não é nada, em comparação com aquilo que acontece hoje». O homem apodera-se de tudo, julga-se Deus, julga-se rei. E as guerras: as guerras que continuam, não precisamente para semear o trigo da vida, mas para destruir. É a indústria da destruição! É um sistema, também de vida, que quando as coisas não podem ser resolvidas, são descartadas: descartam-se as crianças, descartam-se os idosos, descartam-se os jovens desempregados. Esta devastação provocou uma cultura do descartável: descartam-se povos inteiros... Eis a primeira imagem que me veio à mente, quando ouvi esta Leitura.

Eis a segunda imagem, na mesma Leitura: esta «grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas» (7, 9). Os povos, a gente... Agora, começa a arrefecer: esses pobres que, para salvar a sua vida, devem fugir das próprias casas, dos seus povos, das

suas aldeias, rumo ao deserto... e vivem em tendas, sentem frio, sem remédios, famintos, porque o «deus-homem» se apoderou da Criação, de toda aquela beleza que Deus criou para nós. Mas quem paga a festa? Eles! Os mais pequeninos, os pobres, aqueles que, como pessoas, acabaram por ser descartados. E isto não é história antiga: acontece hoje. «Mas Padre, está distante...» — Também aqui, em todas as partes. Acontece hoje. Direi mais: parece que essas pessoas, aquelas crianças famintas e enfermas não contam, parece que são de outra espécie, que não são humanas. Esta multidão encontra-se diante de Deus e suplica: «Por favor, salvação! Por favor, paz! Por favor, pão! Por favor, trabalho! Por favor, filhos e avós! Por favor, jovens com a dignidade de poder trabalhar!». Entre as pessoas perseguidas encontram-se também quantos são perseguidos pela fé. «Então um dos Anciãos falou comigo e perguntou-me: “Esses, que estão revestidos de vestes brancas, quem são e de onde vêm?” [...] “Esses são os sobreviventes da grande tribulação; lavaram as suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro”» (7, 13-14). E hoje, sem exagerar, no dia de todos os Santos, gostaria que pensássemos em todos eles, nos Santos desconhecidos. Pecadores como nós, pior do que nós, mas destruídos. A todas estas pessoas que vêm da grande tribulação. A maior parte do mundo vive em tribulação. E o Senhor santifica este povo, pecador como nós, mas santifica-o com a tribulação.

E no fim, a terceira imagem: Deus. A primeira, a devastação; a segunda, as vítimas; e a terceira, Deus. Na segunda Leitura ouvimos: «Desde já somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como Ele é» (1 Jo3, 2): ou seja, a esperança. E esta é a bênção do Senhor, que ainda é a nossa: a esperança. A esperança de que Ele tenha piedade do seu povo, que tenha piedade daqueles que vivem na grande tribulação e que tenha piedade também dos destruidores, a fim de que se convertam. É assim que a santidade da Igreja progride: com este povo, com cada um de nós, que veremos Deus como Ele é. Qual deve ser a nossa atitude, se quisermos fazer parte deste povo e caminhar rumo ao Pai, neste mundo de devastação, neste mundo de guerras, neste mundo de tribulação? Como ouvimos no Evangelho, a nossa atitude é a das Bem-Aventuranças. Somente este caminho nos levará ao encontro com Deus. Só esta vereda nos salvará da destruição, da devastação da terra, da Criação, da moral, da história, da família, de tudo. Unicamente este caminho: contudo, far-nos-á passar por situações difíceis! Trar-nos-á problemas e perseguição. Mas só este caminho nos levará em frente. E assim, este povo que hoje sofre tanto, devido ao egoísmo dos devastadores, dos nossos irmãos devastadores, este povo progride através das Bem-Aventuranças, da esperança de descobrir Deus, de se encontrar face a face com o Senhor, com a esperança de se tornar santos, no momento do encontro definitivo com Ele.

Que o Senhor nos ajude e nos conceda a graça desta esperança, mas inclusive a graça da coragem de sair de tudo aquilo que é destruição, devastação, relativismo de vida, exclusão do próximo, exclusão dos valores e exclusão de tudo o que o Senhor nos ofereceu: exclusão da paz. Que Ele nos liberte de tudo isto e nos conceda a graça de caminhar na esperança de nos encontrarmos um dia face a face com Ele. E esta esperança, irmãos e irmãs, não desilude!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana